



Neamp

## A invasão corinthiana –Rio, 05 de dezembro de 1976

Plínio Labriola Negreiros\*

### Resumo

**Este trabalho analisa fenômenos em torno uma partida de futebol, entre Corinthians e Fluminense em dezembro de 1976, na qual ocorre o maior deslocamento de torcedores que se conhece na história do Brasil: entre 60 e 70 mil. Emerge dessa partida e da presença dos corinthianos no Rio de Janeiro os mais diversos aspectos de um país sob uma ditadura militar, assim como emerge uma cidade como São Paulo, palco de um fervor cívico-esportivo pouca vezes visto. E o Rio de Janeiro, uma “cidade invadida”.**

**Palavras-chave:** Torcedor do Corinthians. História do Futebol.

### Abstract

**This work analyzes phenomena in the a soccer start, between Corinthians and Fluminense in December of 1976, in which occurs the biggest shift of supporters that it knows in the history of Brazil: between 60 and 70. It emerges of this start and the presence of the corinthians in Rio de Janeiro the most diverse aspects of a country under a military dictatorship, as well as emerges a city as São Paulo, stage of a civic-esportivo fervor few times seen. And the Rio de Janeiro, an “invaded city”.**

**Key-words:** Supporter of the Corinthians – History of the Soccer

## 1. Introdução

É regra entre torcedores de futebol a memória de uma grande partida, senão epopéias. Tem valor especial quando o limite se impõe: no último minuto, no último segundo, a um passo da linha de fundo. Ao mesmo tempo, tem-se a impressão de que o prazer do torcedor não parece estar nele e sim no sucesso ou fracasso de sua equipe.

Porém, há eventos nos quais os torcedores apresentam-se como personagens tão importantes quanto os jogadores e outros setores ligados ao futebol. É como se fosse possível a existência

---

\* Graduado e licenciado em História pela USP. Mestre e doutor em História Social pela PUC-SP. Professor de História da Escola Nossa Senhora das Graças (S.Paulo-SP). Autor, em conjunto com Fernando Amed, de *História dos tributos no Brasil*, São Paulo, Nobel, 2000. Autor de artigos sobre a História do futebol. E-mail: plabriola7@hotmail.com



Neamp

autônoma das torcidas. Como se a torcida também tivesse uma história mais fascinante que a do próprio clube. De certa maneira, a torcida do Sport Club Corinthians Paulista permite isso.

Nesse sentido, é possível olhar para um importante evento da história do futebol brasileiro, senão mundial. Muito mais do que um evento que ligado ao futebol e aos seus torcedores, trata-se de um evento que tem forte ligação com um contexto histórico: uma multidão de torcedores, principalmente de São Paulo, faz do Rio de Janeiro uma cidade “ocupada”: é a Invasão Corinthiana (ou Invasão do Maracanã). São torcedores quem não comemoravam um título importante há 22 anos, injetados numa cidade cada vez mais desumanizada, inserida em um contexto de regime autoritário, que apesar dos ensaios de volta à democracia, continuava a aplicar o AI-5. Desse caldo, São Paulo, senão o Brasil, torce pelo seu próprio sucesso através da cores alvinegras do Corinthians.

## **2. 22 anos sem títulos**

O fenômeno corinthiano de dezembro de 1976 exige do pesquisador um olhar especial sobre a História do Corinthians e da sua torcida, em especial, na década anterior à Invasão. Para os corinthianos o ano de 1968 é muito especial: no mês de março uma grande festa pela “quebra do tabu” contra o Santos. Desde 1957, o Corinthians não vencera a equipe de Pelé pelo Campeonato Paulista. Sem um título importante desde 1954, era de fundamental importância vencer ao Santos e acabar com esse tabu. Em 6 de março, em uma quarta-feira à noite, com o placar de 2 a 0, o Corinthians quebrou o tabu que tanto o incomodava. Na noite quente de verão, muita festa entre os corinthianos; festa de campeão. (GONDIM, 1976: 38.)

1969, uma tragédia: dois jogadores titulares morrem em um acidente de automóvel. O time, que ia bem no Campeonato Paulista até o evento, perde fôlego e mais uma vez acaba sem o título.

Cerca de 30 mil pessoas — operários com suas marmitas, moças, senhoras, rapazes, homens de negócios, velhos torcedores (...) em peregrinação pela ala central do Parque São Jorge, para ver os corpos inertes de Lidu e Eduardo. (idem: 40)

Nesse ano, outra tristeza: o Corinthians quase venceu a Taça de Prata. Era mais um ano sem títulos. (KFOURI, 1983: 15-16)



Neamp

Em 1971, o clube do Parque São Jorge conquistou um título menor: Torneio do Povo, que reunia as equipes mais populares do país. Novos fracassos nas disputas mais importantes. Porém, uma única partida talvez tenha mantido a alegria corinthiana nesse 1971: de virada, Corinthians 4 a 3, contra o arqui-rival Palmeiras.

No ano seguinte, duas grandes emoções, mas que não resultaram em título: depois de outra campanha medíocre no Campeonato Paulista, o time quase chegou à final do Campeonato Brasileiro. Nem a vitória era necessária, mas nem isso foi possível: derrota para o Botafogo no Maracanã, 2 a 1, e mais um título perdido. E, dias antes, uma partida especial: vitória de 1 a 0 contra o Ceará, com um gol estranho no último minuto da peleja.

Emoções fortes estavam reservadas para 1974: quase veio o título de campeão paulista. Depois de se tornar campeão do primeiro turno – o que dava o direito de disputar a final do campeonato com o campeão do segundo turno –, o Corinthians perde a decisão final para o Palmeiras.

(...) e a saída do estádio mais parecia um macabro cortejo fúnebre. O silêncio só era cortado pelo som abafado, surdo, impressionante de 200 mil solas de sapato arrastando pelo chão. (idem: 20)

O mais importante jogador do clube foi responsabilizado pela derrota e praticamente expulso do clube que defendeu por 10 anos. Com a saída de Roberto Rivellino, o time passa por uma grande reformulação e 1975 teve marca fracassos.

No primeiro semestre de 1976, a reprodução do ano anterior: o time fracassa no Campeonato Paulista, depois de um começo fulminante. Mesmo sem grandes adversários pela frente, outra péssima colocação. Completava-se 22 anos ganhar um título importante. Além do fracasso, uma torcida cada vez mais impaciente, que vaiava a equipe, chegando a pedir a saída do presidente do clube, Vicente Matheus.

Esta crise foi se avolumando e como um dos desdobramentos naturais, mais protestos dos torcedores e a troca de técnico. Para o segundo semestre, no qual o Campeonato Brasileiro seria disputado, haveria um técnico novo – Duque, que inclusive começou a trabalhar ainda no Campeonato Paulista.



Neamp

### 3. Campeonato Nacional de 1976

A participação corinthiana no Brasileiro de 1976 apontava para a repetição de outros momentos: inícios bons, mas com resultados finais frágeis. Além disso, tratava-se de um campeonato marcado pela confusão no regulamento, regra nos campeonatos de então.

Depois de longos meses de disputa, o Corinthians chegava à terceira fase, na qual participou do grupo Q, composto por nove equipes, em que todos jogariam contra todos, com os dois primeiros colocados classificados para as semifinais do torneio.

No início resultados fracos, assim o time precisa teria que vencer as cinco partidas restantes se desejasse chegar às finais. Se possível, vitórias por mais de um gol de diferença, para a conquista de três pontos, conforme regra de então. Com histórias diferentes, mas sempre marcadas por uma forte emoção e uma grande participação da torcida, cinco vitórias: Botafogo de Ribeirão Preto, 2 a 1; Caxias, 4 a 1; Ponte Preta, 2 a 0, Internacional, 2 a 1 e Santa Cruz, 2 a 1.

Destas partidas, mais do que o time, a torcida aparecia como personagem fundamental, daí o depoimento do técnico da Ponte Preta Armando Renganeschi:

— A verdade é que o nosso time ficou impressionado com esta torcida, com tanta gritaria. Ninguém sabia mais o que fazer em campo. Mas isso é normal em uma equipe nova como a nossa. (*Jornal da Tarde*, 19.11.1976: 36)

Também o goleiro da equipe derrotada reconhecia o papel da torcida:

— Não dava nem para a gente se concentrar direito. A torcida ganhou o jogo para o Corinthians. Não fui culpado em nenhum dos dois gols, tenho certeza disso. Mas só mesmo o Corinthians poderia fazer dois gols destes em mim. (*idem*)

Além disso, aparecia um outro tipo de torcedor, bem diferente daqueles que estavam acostumados a acompanhar o Corinthians em todos os seus momentos, e que sofriam com as decepções que as campanhas do time geravam, como o governador de São Paulo, Paulo Egydio Martins. Assim, ao receber os cumprimentos do governador, o atleta Neca observou:

— Puxa, esse cara é o governador? Eu nem sabia. Também, ninguém me avisou, oras. E enquanto o governador cumprimentava todos os jogadores, um por um, a festa continuava no vestiário do Corinthians. (*idem*)



Neamp

Com a classificação, a imprensa não cansava de repercutir a força, o tamanho e a paixão da torcida corinthiana. Colocavam-na como capaz de grandes façanhas, como a de quebrar recordes de renda e de público. Capaz dos mais fantásticos atos de amor, relacionava-se tamanha dedicação ao fato do clube não conquistar um título importante. E reforçava-se o apelido da torcida: Fiel.

Nesse sentido, dois periódicos de São Paulo dedicaram esforços dobrados para acompanhar os torcedores corinthianos na viagem – em disputa contra o Santa Cruz – para o Recife: o *Jornal da Tarde*, no seu caderno especial dedicado aos esportes publicado sempre às segundas-feiras, apresentava uma grande reportagem: *2.830 KM CORINTIANOS – Foram 49 horas de uma viagem emocionante, a mais longa excursão de uma torcida de futebol, (O texto é do repórter Marco Antonio Rodrigues, que acompanhou e viveu as apreensões, tristezas e alegrias desses fiéis torcedores.)*. (*Jornal da Tarde*, 29.11.1976). Os jornalistas acompanharam a caravana da torcida organizada do Corinthians Camisa 12. A *Folha de São Paulo*, que acompanhou a caravana da Gaviões da Fiel, também faz uma longa matéria (*Corinthians! Em 90 minutos, Folha de São Paulo*, 29.11.1976)

A viagem dos torcedores para ver a equipe chegar às finais do campeonato de 1976, narrada pela imprensa como uma verdadeira epopéia, teria como desdobramento natural a Invasão Corinthiana ao Rio de Janeiro. Pode ser que as diversas personagens envolvidas nesse processo não tivessem uma idéia exata da forte presença de torcedores de São Paulo em apoio ao time alvinegro, nem que a essa caravana tomasse sentidos de unir os paulistas em uma guerra menos contra os cariocas e o Fluminense e mais a favor do Corinthians. Depois de algumas décadas, São Paulo voltava a se unir. Tinha sido assim em 1932, na luta contra Vargas. Aliás, como se verá adiante, também nesse evento, a imprensa teve um papel preponderante.

#### **4. A Invasão Corinthiana**

Cinco de dezembro de 1976: para os corinthianos essa data está na memória menos por causa de uma vitória e mais pela forte presença de torcedores do clube paulista em terras cariocas: é a chamada Invasão do Maracanã ou Invasão Corinthiana, evento que se coloca no complicado limiar entre memória e história



Neamp

Trata-se de um imenso deslocamento de torcedores, basicamente entre as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Nesta cidade, 70 mil corinthianos assistem, no estádio do Maracanã, a partida entre o Fluminense e Corinthians Paulista, jogo válido pelas semifinais do Brasileiro, com público de 146 mil pessoas. Na história do futebol do Brasil não se conhece outro evento esportivo com tamanho deslocamento humano.<sup>1</sup> Também do futebol mundial não foi registrado um evento desse tamanho, ao menos em termos absolutos.

Enquanto os torcedores do Corinthians que foram ao Recife de ônibus começavam a chegar a São Paulo depois de uma longa e custosa viagem, os corinthianos da cidade, do estado e de inúmeras regiões do país, já organizavam a viagem para o Rio de Janeiro, a imprensa continuava alimentando o clima de euforia.

E o Departamento de Jornalismo da Jovem Pan acompanhará, minuto a minuto, o movimento corinthiano para a hora do grito final, para a explosão que São Paulo espera ouvir desde 1955. (Jornal da Jovem Pan, *Jornal da Tarde*, 30.11.1976)

E sempre com exageros:

Durante esta semana, em toda nossa programação (...) estaremos contando a história da Religião Corinthians. Uma religião que os historiadores já estão registrando em suas pesquisas. (idem)

É interessante como a rádio Jovem Pan promete dedicar toda a sua programação daquela semana para o Corinthians e como vinculou todos os paulistanos ao “projeto Corinthians”. Não eram apenas os corinthianos que desejam a explosão por uma vitória esperada há muito tempo, mas toda São Paulo. A imprensa radiofônica prometia que a cidade respiraria apenas Corinthians.

## 5. Os paulistas estão chegando

O fascínio demonstrado pela imprensa paulista associava-se à perplexidade dos cariocas. O que seria a invasão? O que era a torcida do Corinthians? Mas, paulista sabia fazer festa? Eram indagações indiretas que apareciam nas preocupações da imprensa carioca em compreender o que estava acontecendo.

---

<sup>1</sup> Mas há exemplos de outros grandes deslocamentos de torcedores. Em 1951, ocorreu a Copa Rio, com a participação de um clube paulista, a Sociedade Esportiva Palmeiras. Na partida decisiva, contra a equipe italiana da Juventus, há um grande deslocamento de torcedores paulistas para o Rio: talvez 40 mil torcedores de São Paulo. Ver: Texto original da cobertura da final da Copa, em Julho de 51, feita por Thomaz Mazzoni. In Site [www.gazetaesportiva.com.br](http://www.gazetaesportiva.com.br)



Neamp

Apesar da Ponte Aérea, paulistanos e cariocas tinham, aparentemente, universos distantes. Ainda havia forte a idéia da descontração carioca por causa das praias e da cidade como um todo e São Paulo como um espaço essencialmente relacionado ao trabalho. Paulista trabalha, carioca desfruta dos prazeres da vida.

Assim, quando as notícias sobre as movimentações da torcida do Corinthians começam a chegar ao Rio, as primeiras impressões começam a ser delineadas. Tratava-se de uma dupla descoberta: paulistas conhecendo os cariocas e vice-versa. E a consciência de uma grande presença corinthiana no Rio apareceu rapidamente nas páginas dos jornais cariocas:

O chefe da torcida, Tantã, afirma que a previsão inclui a ida de 500 ônibus e 20 aviões fretados, além de automóveis e caminhões, somando um total de 50 mil pessoas. (*Jornal do Brasil*, 30.11.1976)

Ao mesmo tempo, o jornal duvida que tanta gente de fato venha:

[50 mil] se choca com a realidade, pois seriam necessários 1 mil 500 ônibus, além de outros meios de transporte, para transportar os 50 mil torcedores. (idem)

E São Paulo deixava de ser a cidade do trabalho

Algumas das grandes indústrias de São Paulo estão dispostas a liberar do trabalho de segunda-feira os operários que forem assistir ao jogo; muitas delas contrataram ônibus para levar seus empregados ao Rio. (*Jornal do Brasil*, 02.12.1976)

Mas o clima de euforia assumido pela imprensa era quebrado por um artigo do jornalista José Nêumanne Pinto, que de forma crítica e ácida, apresenta e analisa o fenômeno Corinthians. A tese do jornalista é relativamente simples: a torcida do Corinthians é ressentida por causa dos 22 anos sem títulos e por conta de uma conjuntura favorável, a imprensa de São Paulo<sup>2</sup> adotou o Corinthians como mais uma mercadoria. Assim, afirma que:

Durante toda a semana, a Rádio Jovem Pan de São Paulo inseriu em sua programação um jingle em que se ouve o hino do Corinthians ‘...salve o Corinthians, campeão dos campeões, eternamente dentro de nossos corações...’ (A publicidade comanda a paixão corinthiana, *Jornal do Brasil*, 03.12.1976)

E vai além:

Revistas como a *Isto É*, que ordinariamente mantém o futebol ausente de sua linha editorial, já se convenceram de que o carnaval há tantos anos reprimidos pela massa corinthiana é uma oportunidade sem precedentes pela conquista do público leitor. (idem)

---

<sup>2</sup> O papel decisivo da imprensa para o aumento da euforia dos corinthianos pode ser comparado — observando-se todas as limitações óbvias impostas pelo tempo, pelo espaço, pela conjuntura política e pela abrangência — com a participação da imprensa de São Paulo na denominada Revolução de 1932. Para a historiadora Maria Helena Capelato, 1932 foi um movimento dominado pelas elites paulistas na defesa dos seus interesses. Assim, havia a necessidade de envolver toda a população paulista em uma luta contra o governo provisório, que estava nas mãos de Getúlio Vargas. E para obter sucesso na manipulação popular, a imprensa — através dos jornais e das rádios — teve um papel central. Sobre isso, ver Maria Helena CAPELATO, 1932 – *Um movimento conservador*, Folhetim nº 279, 23/05/1982, p. 6-7, Folha de São Paulo.



Neamp

Porém, independente do papel exercido pela imprensa, esta soube captar esse momento tão diferente:

A invasão do Rio por torcedores do Corinthians começou na quinta-feira, e ontem pela manhã eles tomaram conta da Avenida Atlântica, tumultuando o trânsito com carros e enormes bandeiras, provocando os torcedores dos times do Rio, dizendo que “os cariocas verão a partir de hoje (ontem) o que é uma torcida organizada”.

(...)

Os carros com placas de São Paulo superavam em animação os cariocas, que passivamente assistiam à festa dos paulistas. (...)

Os grupos, que desde cedo tumultuavam o trânsito da Avenida Atlântica, pertenciam à Patota do Timão, Gavião (sic) da Fiel, Torcida Jovem (sic) e Camisa 12, e às 12 horas, a cor branca dos paulistas já começava a ganhar uma tonalidade rosada. Um carioca, gritou, irônico: “voltem para São Paulo que pode parar sem o trabalho de vocês, e não atrapalhem o nosso banho de mar”. (Primeiro tempo do jogo foi no calçadão da Av. Atlântica, *Jornal do Brasil*, 05/12/1976, p. 72.)

Assim, mesmo que de maneira irônica, a apresentação e o reforço dos estereótipos: São Paulo é o lugar do trabalho e quase exclusivamente só deste; e, é claro, trabalho liga-se imediatamente ao sofrimento, ao castigo. Já o Rio, é o lugar do prazer, da praia, enfim, uma clara contraposição ao trabalho paulista. A ironia do carioca revela a necessidade de que cada um dos personagens daquele encontro da praia fosse em busca do seu destino: trabalho e praia; sofrimento e prazer. Aquele encontro não era possível: o carioca estava sendo atrapalhado no seu momento de prazer. Era o encontro entre desconhecidos.

E se a presença da massa de torcedores corinthianos assustava parte dos cariocas – como também os deixavam perplexos –, também as notícias que continuavam a chegar de São Paulo surpreendiam. Em uma dessas matérias, com um título muito sugestivo, *Corinthiano só trabalha na 3ª-feira*, o clima na cidade de São Paulo poderia ser dimensionado:

O jogo desta tarde foi o assunto do qual praticamente ninguém escapou na Capital paulista. Nas ruas, centenas de vendedores exibiam gigantescas bandeiras do Corinthians, pessoas andavam aos berros “Corinthians! Corinthians!, e os torcedores advertiam; “Os corinthianos não vão trabalhar na segunda feira. Só na terça. Aí, depois da vitória, a produção vai ser dobrada”. (*Corinthiano só trabalha na 3ª-feira* *Jornal do Brasil*, 05/12/1976, p. 73.)

Uma crônica, *Os Invasores*, ocupou a primeira página do suplemento Caderno B do *Jornal do Brasil* dizia:

“Atenção. Atenção. Interrompemos nossa novela *Credicarmandaia* para informar em edição extraordinária que a cidade está sendo invadida. As primeiras notícias dão conta de que os invasores avançam pela Avenida Brasil. As autoridades pedem calma à população. Ainda não foi possível identificá-los, mas há suspeitas de que sejam índios ou seres extraterrenos ou torcedores do Corinthians”.

(...)

— São seres extraterrenos?

— Antes fosse. A invasão, meu caro, é de *curintianos*.

— Não muda muito. *Pra* mim, os *curintianos* são seres extraterrenos.

— De qualquer maneira, Juvenal, proteja-se. Eles estão vindo em hordas sucessivas. São 60 mil.





Neamp

— Sessenta mil? E o que eles vêm fazer aqui? Tomar o poder? (Carlos Eduardo Novaes, *Os Invasores, Jornal do Brasil*, Caderno B, 05/12/1976, p. 1.)

Depois de uma semana de muita expectativa, veio o jogo. Parte das previsões se cumpriu. Talvez, se não fosse pela maciça presença da torcida corinthiana pelas terras cariocas, a partida não chamaria tanto atenção. Apesar de ser uma partida decisiva, o jogo ficou, em grande parte, comprometido pelas fortes chuvas que caíram durante a maior do jogo. A decisão por pênaltis trouxe mais emoção à disputa, mas, de fato, não foi uma grande partida de futebol. Valeu, dessa maneira, mais pela presença dos torcedores.

E, como não poderia deixar de ser, os jornais de segunda-feira foram invadidos: cada parte do jornal, fosse esporte ou não, falava do jogo e dos corinthians. O Rio sentiu a invasão. Assim como já estava ocorrendo com os periódicos de São Paulo, o Corinthians e a sua torcida tinham saído das páginas esportivas e migrado cada todas as outras seções.

Os 50 mil corinthians que vieram ao Rio prestigiar seu time proporcionaram um clima de festa, não só na hora do jogo, como antes, pela cidade, quando se viam centenas de bandeiras pretas e brancas desfraldadas, milhares de faixas e gritos em coro: ‘Corinthians, Corinthians.’ A entrada da torcida paulista no Maracanã foi um espetáculo que suplantou até mesmo a partida.” (Corinthians vence Flu e faz final com Inter, *Jornal do Brasil*, 06/12/1976, p. 1.)

Nunca o Rio de Janeiro assistiu a algo semelhante do que ocorreu no último fim de semana, quando foi tomado pela torcida corinthiana, uma gente alegre capaz de mudar o rosto de uma cidade por causa de uma partida de futebol.

Vieram de carro, de ônibus e até de bicicleta. Carregaram famílias, grandes bandeiras e toda a alegria de suas buzinas tão triunfantes na noite de sábado quanto na vitória de domingo.

(...)

É provável que graças ao Maracanã se acabe de vez um preconceito pouco inteligente e característico das personalidades vulgares sempre dispostas a fazer comparações do bem e do mal viver entre o Rio e São Paulo.

Os corinthians mostraram que o Brasil pode ser um país muito mais bonito se as pessoas ficarem melhor humoradas. Se aprenderem a se divertir. (A alegria, Informe JB, *Jornal do Brasil*, 06/12/1976, p. 6.)

Era uma forte contraposição entre os analistas – anônimos ou não – que viam a presença dos paulistas em terras cariocas como algo ameaçador, como a mais clara manifestação das supostas e enormes diferenças que separavam “dois mundos”; São Paulo e Rio de Janeiro.



Neamp

De certa maneira, a participação da torcida do Corinthians e a concretização da Invasão só trouxeram dividendos para os que estavam no poder. A presença oportunista de dirigentes políticos de vários níveis tentando tirar proveitos da euforia corinthiana, porém, não pode ser apresentada de forma absoluta, senão a compreensão pode ser simplificada demais.

Dentro do campo da relativização de que o uso político dos dirigentes ligados ao regime militar, é preciso trabalhar com sentido de perceber que também pode haver outro tipo de leitura para os acontecimentos de dezembro de 1976. Ou seja, mais de que reforça a dominação política sobre a população brasileira, *os invasores corinthianos* partiram para a subversão da ordem – como gostavam de qualificar os generais de plantão. A alegria da torcida corinthiana tem essa força subversiva. Gasto milhões de litros de combustíveis quando o governo apresentava planos de racionamento dos mesmos combustíveis para a idéia de afrontar a ordem.

Ou mais do que isso: a subversão do prazer. A rigor, não havia nada de produtivo na invasão corinthiana. Além do citado gasto excessivo com combustíveis, a energia gasta não se dirigia para a produção. Aliás, ao contrário: muito deixariam de produzir para acompanhar o Corinthians pelo Rio.

Além disso, há um campo subjetivo que não pode ser verificado com qualquer rigor. Por exemplo: um grande número de empresas de regiões industriais de São Paulo e do ABC paulista que disponibilizam transporte para os seus funcionários. Esta atitude do patronato pode ser lida como mais um mecanismo de controle sobre os trabalhadores. Porém, não deve ser desprezada a sociabilidade construída por estes trabalhadores durante tão firme jornada. Eles, os trabalhadores, participaram de uma representação de guerra, olharam para o Fluminense, na maior parte dos momentos, como um inimigo a ser vencido. E foram lutar no terreno inimigo. E, talvez o mais importante: foram vencedores. A participação da torcida do Corinthians foi lida como fundamental na conquista da equipe paulista.

Dessa maneira, é possível se perguntar se não houve, a partir daquele momento de sociabilidade a partir do futebol, uma maior possibilidade de organização para as lutas sindicais e trabalhistas? Ou seja, os mesmos trabalhadores que estiveram lado a lado para torcer e lutar por um sucesso corinthiano, não poderiam estender esses laços para a luta em direção a uma sobrevivência mais digna?



Neamp

Da mesma forma, há também um ato de forte simbolismo presente nas manifestações de rua. Esta é simplesmente ocupada pelos torcedores do Corinthians e em vários momentos, entre a saída das caravanas e dos outros torcedores em direção ao Rio, passando pelos torcedores que saem às ruas da cidade de São Paulo – mas também de outras cidades espalhadas pelo estado de São Paulo, assim como por outros estados brasileiros –, chegando aos numerosos torcedores que param a cidade de São Paulo para receber a delegação do Corinthians na sua chegada, na segunda-feira, depois o jogo contra o Fluminense.

Trata-se do espaço público das ruas voltando a ser ocupado. Ainda não é a ocupação política desse espaço. E chamamos de ocupação política essencialmente a luta pelo fim da ditadura militar. Ou seja, no decorrer de 1976, o movimento estudantil, reorganizado, volta com manifestações públicas. Nas primeiras, já no ano de 1977, os espaços públicos são lenta e timidamente ocupados. Exemplo disto são as manifestações realizadas em dentro da Faculdade de Medicina da USP, em São Paulo, mas que eram separadas apenas por uma pequena grade da via pública, a avenida Doutor Arnaldo. Ou seja, as ordens policiais eram cumpridas pelos estudantes: manifestações apenas dentro do campus universitário; ao mesmo tempo, a população tomava conhecimento dos descontentamentos dos estudantes e as suas reivindicações.

Enfim, mesmo que para torcer pelo Corinthians, mesmo que para sair com seus carros buzinando pelas ruas da cidade, as ruas voltavam a ser ocupadas. Não eram mais as manifestações populares antes do AI-5; os sujeitos e as intenções eram diversos. Mas a rua voltava a ser um espaço da população

Talvez, como já se afirmou, o Corinthians tenha reinaugurado a ocupação do espaço público. No ano seguinte, em 1977, este espaço público ganha a conotação de espaço político. E o início da luta popular no espaço público pela volta do Estado de Direito, das liberdades democráticas. A rua voltava a ser palco dos embates políticos. Sem qualquer preocupação com o destino da Ditadura Militar, cada corinthiano fez das ruas seu espaço de prazer e alegria.

Os corinthianos que retiravam suas roupas, que desfilavam com suas bandeiras, que tocavam suas buzinas, que jogavam papéis picados e soltavam fogos de artifícios, que gritavam



Neamp

loucamente pelas ruas da cidade, saciavam-se, embriagavam-se de felicidade. Tudo sempre anárquico. Quanto mais fora da ordem melhor.

São esses corinthianos que precisavam ser explicados. Aliás, faz parte da história do Corinthians a convocação de especialistas no campo das humanidades para tentar desvendar pela ciência, ao grande público, o que significa aquela massa de apaixonados e malucos torcedores. Assim, para a semana em que os corinthianos participaram de grandes caravanas, essas explicações eram sempre bem-vindas. São sociólogos, psicólogos, cientistas políticos, entre outros intelectuais que são chamados para desvendar o fenômeno Corinthians.

Por isso vale destacar a conclusão apontada pelo sociólogo Sérgio Miceli, principalmente porque ainda era mais fácil trata o futebol com um eficiente mecanismo de alienação popular. Na memória da intelectualidade ainda estava muito presente o uso político que a Ditadura Militar tinha feito – e continuava a fazer – do esporte mais popular do país.

A esta altura, o Corinthians é menos um time do que uma militância, menos uma torcida desinteressante do que uma organização embrionário de anseios populares. Seria mesmo ocioso listar as inúmeras expressões com que os Gaviões se dispõem a “acordar a burguesia”. Sabem muito bem que estão embaixo, do lado do alambrado, nas gerais, têm consciência de que a segmentação da própria torcida corinthiana se inscreve num processo de luta interno e externo ao clube, envolvendo cartolas, técnicos, conselheiros. (Sérgio Miceli, Os que sabem muito bem que estão embaixo, *Jornal do Brasil*, Caderno B, 13/12/1976, p. 1.)

Também a análise do cientista político Bolívar Lamounier:

Mas lembremo-nos, e lembrem-se sobretudo os eruditos teóricos do futebol como alienação, que a torcida do Corinthians recriou — não importa por quão pouco tempo — uma cidade no lugar desta triste, desta sisuda São Paulo. E ao fazê-lo, renovou uma convocação que alguém já havia feito uma vez este ano: não queiram impor-nos a sisudez, porque a alegria é direito de todos. (Bolívar Lamounier, A Comunidade dos Estigmatizados, *Jornal do Brasil*, Caderno B, 13/12/1976, p. 1.)

Talvez quem estivesse sem entender a epopéia corinthiana também precisasse de uma explicação que não fosse da sociologia ou de outra ciência humana. Caberiam bem respostas sensíveis, que captassem uma torcida e uma cidade em um momento de alegria extrema. Lourenço Diaféria – já sob o impacto da derrota para o Internacional na final do campeonato, em que um bandeirinha informa ao árbitro da partida que uma jogada duvidosa havia sido gol do Internacional – faz isso:

A grande festa popular tomou conta dos edifícios, das favelas, das praças e das avenidas, sem necessidades de fantasias encomendadas, sem paetês oficiais, sem cobrança de ingresso, e sem a repressão dos cordões de isolamento. A ordem que necessita ser mantida sob a vigilância dos capacetes não é ordem: é sujeição.



Neamp

(...)

Quando meu filho crescer, e se a situação continuar como está — no futebol e fora dele — ele descobrirá com o seu próprio entendimento que o bandeirinha carioca que fez aquilo simplesmente aplicou uma mesquinha regra que há muito tempo vigora neste país:

“in dúvida, contra populum”.

Mas nem por isso o povo vai enrolar a bandeira. (Lourenço DIAFÉRIA, Vejam, é nossa bandeira desfraldada, *Folha de São Paulo*, 14/12/1976, p. 40.)

## Referências

### Documento Sonoro

Gravação da narração radiofônica da partida Corinthians 1 x 1 Fluminense, 05/12/1976.

Narração: Osmar Santos; Repórteres de Campo: Fausto Silva e Cândido Garcia; Plantão:

Milton Neves. Rádio Jovem Pan, São Paulo.

### Periódicos

Folha de São Paulo, São Paulo, novembro/dezembro de 1976.

Jornal da Tarde, São Paulo, novembro/dezembro de 1976.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, dezembro de 1976.

### Filmes

*Futebol é nossa vida*, de Tomy Wigand, 1999.

### Livros/Artigos

DE EUGÊNIO, Marcos Francisco Napolitano. **Representações políticas no movimento Diretas-Já**. Revista Brasileira de História, São Paulo, ANPUH/Contexto, vol. 15, nº 29, p. 207-219. 1995.

FLORENZANO, José Paulo. **A democracia corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro**. São Paulo: FAPESP, EDUC. 2009.

HORNBY, Nick. **Febre de Bola**. Rio de Janeiro: Rocco. 2000.

GONDIM, Nailson. **Corinthians – Paixão do povo**. São Paulo: Global. 1976.

GUZZELLI, César Augusto Barcellos. **500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho**. IN *Anos 90*, Programa de Pós-Graduação em História – UFRS, Porto Alegre, nº 13, julho de 2000, p. 21-50. 2000.

KFOURI, Juca. **A emoção Corinthians**. São Paulo: Brasiliense. 1983.

LEVER, Janet. **A loucura do futebol**. Rio de Janeiro: Record. 1983.



Neamp

MAILER, Norman. **A luta**. São Paulo: Companhia das Letras. 1998.

PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota**. Porto Alegre: LP&M. 1986.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Torcidas Organizadas de Futebol – Violência e auto-afirmação – aspectos da construção das novas relações sociais**. Taubaté: Vogal Editora. 1997.

RODRIGUES, Nelson. **O Profeta tricolor – Cem anos de Fluminense**. São Paulo: Companhia das Letras. 2002.

SOARES, Edileuza. **A Bola no ar - O rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus. 1994.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs. 1996.

UNZENETE, Celso Dario. **Almanaque do Timão**. São Paulo: Editora Abril. 2000.